

A PRODUÇÃO DE IMAGENS NAS ARTES PÁSTICAS FORA DOS GRANDES CENTROS: O CASO DE UBERLÂNDIA – CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Marco Antonio Pasqualini de Andrade¹

Resumo

A proposta da comunicação visa realizar uma primeira reflexão sobre a produção de artes plásticas na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, a partir das pesquisas iniciadas em 2007 (incluindo orientação de monografias, iniciação científica e mestrado) que visam criar subsídios para a construção de uma história da arte na região do Triângulo Mineiro e entorno. A consolidação local da área de conhecimento, nos últimos vinte anos, trouxe a necessidade de reflexões mais profundas sobre os aspectos históricos e significativos de tal produção. A mudança de paradigmas da arte, em termos recentes, fornece novos referenciais e pontos de discussão. A contribuição de autores como Jean Hubert-Martin, Nikos Papastergiadis, Hans Belting e Moacir dos Anjos será abordada, junto a documentos e artistas.

Palavras-chave: artes visuais; história da arte; Uberlândia

Abstract

The proposal of this paper is contribute to a first reflection on the production of visual arts in the city of Uberlândia, Minas Gerais, based on the research initiated in 2007 (including tutorial of graduate and post graduate monographs) which objective is to create subsidies for the construction of a history of art in the region of Triangulo Mineiro. The local consolidation of the area, in the last twenty years, brought the necessity of deeper reflections on the historical and significant aspects of such production. The change of paradigms, in recent terms, supplies new lightening and points of view. The contribution of authors Jean Hubert-Martin, Nikos Papastergiadis, Hans Belting and Moacir dos Anjos will support the text, as long as documents and artists.

Keywords: visual arts, history of art, Uberlandia

Introdução

A proposta da comunicação visa realizar uma primeira reflexão sobre a produção de artes plásticas na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, a partir das pesquisas iniciadas em 2007 (incluindo orientação de monografias, iniciação científica e mestrado) que visam criar subsídios para a construção de uma história da arte na região do Triângulo Mineiro e entorno.

No caso específico da cidade de Uberlândia, de pouco mais de 100 anos e porte médio, a produção artística desenvolveu-se principalmente a partir das décadas de 1930 e 1940, de modo ainda bastante incipiente, estruturando um circuito de formação e exibição de

¹ Professor Adjunto da Universidade Federal de Uberlândia, junto ao Departamento de Artes Visuais da Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais. Doutor em Artes / História da Arte pela Universidade de São Paulo. A pesquisa conta com uma bolsa de iniciação científica da FAPEMIG.

obras apenas na década de 1970, com importante participação do curso superior de educação artística – habilitação em artes plásticas.

A consolidação local da área de conhecimento, nos últimos vinte anos, trouxe a necessidade de reflexões mais profundas sobre os aspectos históricos e significativos de tal produção. Afinal, como medir o valor de uma arte regional? Seriam os parâmetros os mesmos dos grandes centros? A mudança de paradigmas da arte, em termos recentes, fornece novos referenciais e pontos de discussão. A contribuição de autores como Jean Hubert-Martin, Nikos Papastergiadis, Hans Belting e Moacir dos Anjos será abordada, junto a documentos e artistas.

A pesquisa

O estudo em questão parte do projeto de pesquisa intitulado “Arte fora dos eixos: subsídios para a construção de uma história das artes visuais no triângulo mineiro e entorno”, proposto no ano de 2007 como um tema capaz de formar um grupo de pesquisa em História da Arte ligado ao curso de graduação em Artes Visuais e ao mestrado em Artes, recém criado.

Pressuposto

A História da Arte, ou História das Artes Visuais, foi construída ao longo dos séculos, especialmente do século XVIII, a partir de várias concepções que estabeleciam certos limites para o que seria o objeto de arte e seu padrão de desenvolvimento. Essas noções estavam centradas em uma linha evolutiva que se iniciava no Egito Antigo, como precursor, fundava suas bases na Grécia Clássica, como parâmetro idealizado, e se desdobrava em suas continuidades, críticas ou divergências, assumindo seu ápice no Classicismo dos séculos XV a XVIII. Mesmo com a crise romântica do século XIX e os sucessivos rompimentos modernistas do século XX, entendia-se que a linhagem estava, sob certo aspecto, mantida e assegurada, sendo resultado de uma transformação coerente e conseqüente de seus padrões. Qualquer outra produção fora dessa arte “ocidental” ou não era considerada arte, mas cultura, ou era classificada como “primitiva” ou “derivativa” das tendências européias. Quando a hegemonia econômica norte-americana impõe-se após a II Guerra Mundial, sua arte se denomina herdeira de tal tradição, constituindo o MoMA (Museu de Arte Moderna) de Nova York, o bastião das vanguardas e da modernidade.

Para os países fora do eixo hegemônico, restava a denominação de “arte não-ocidental”, mesmo em países cuja localização e tradição remontava ao mesmo parâmetro de ocidentalidade. É o caso do Brasil, que se encontra sempre mergulhado no dilema entre o desejo de pertencer à arte internacional, e simultaneamente valorizar a produção artesanal, popular, ingênua e regional criada por uma população multi-étnica e miscigenada.

Se tais contradições acontecem em termos de nação, não são menos problemáticas as relações centro-periferia dentro do próprio país, especialmente nas regiões afastadas do litoral e das grandes capitais. Deve-se salientar, a esse respeito, o manifesto da “perspectiva de Brasília”, escrito pelos membros do júri do IV Salão de Brasília, em 1967 (no qual estavam os críticos Mário Pedrosa e Frederico Moraes), que propunha e privilegiava uma nova visão da Arte no Brasil, a partir de seu deslocamento para o planalto central que, longe do litoral e das metrópoles, poderia rever os padrões da produção artística e de seus parâmetros de juízos de valor.

Nos últimos vinte anos a discussão em torno dos efeitos da globalização, derivada dos novos sistemas da comunicação e relações econômicas, trouxe a possibilidade de valorização de um multiculturalismo e, portanto, das produções locais, situando como fato marcante a mostra “Magiciens de la Terre”, organizada no Centro Pompidou de Paris por Jean Hugues Martin, que colocava lado a lado arte contemporânea internacional e arte étnica, com espaço para artistas que problematizam essas relações, como o brasileiro Cildo Meireles. Mais recentemente, o alemão Hans Belting tem defendido a idéia de uma “arte global”, na qual a queda de hierarquia entre as diversas manifestações artísticas regionais é um princípio e um fator de possibilidade de troca, atrito e complexidade.

Pensando nesses aspectos, o desafio de construir uma história da arte regional se coloca como necessária, porém contraditória. Ou seja, por um lado compreende-se a urgência de trazer à tona a produção local, em seus vários níveis de atuação, a fim de fixar uma referência e uma memória coletiva; por outro, deve-se refletir criticamente sobre a contradição de tentar estabelecer uma “história da arte”, ou seja, ainda uma tradição hegemônica e linear como parâmetro de significação e simbolização artística.

Como trabalhos pioneiros, dentro do escopo desta pesquisa, deve-se citar o livro de Aline Figueiredo, *Artes Plásticas no Centro-Oeste* (FIGUEIREDO, 1979), e as várias iniciativas de Marília Andrés Ribeiro, em relação às artes na cidade de Belo Horizonte (*Neovanguardas, BH 100 anos*), e o mapeamento realizado pelo projeto “Rumos” do Instituto Cultural Itaú (2000).

O autor do projeto destaca algumas contribuições preliminares sobre o assunto, entre elas o artigo “Em torno de um círculo”, analisando o circuito de arte local (ANDRADE, 1996), a apresentação do catálogo de Ido Finotti, na qual traz a idéia de uma “outra” modernidade (ANDRADE, 1999), e os vários escritos críticos de artistas com atuação local, que constituem conjunto ainda disperso, mas também um princípio de reflexão para a constituição do problema da pesquisa.

Este projeto insere-se no tema abrangente do grupo de estudos de História da Arte do NUPAV – Núcleo de Pesquisa em Artes Visuais do Departamento de Artes Visuais da Faculdade de Artes, Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia, denominado: “Imaginários periféricos: deslocamentos, anacronismos, desvios, singularidades”.

Objetivos do projeto:

Promover a construção de instrumentos para possibilitar a compreensão da História das Artes Visuais no Triângulo Mineiro e entorno.

Consideram-se instrumentos quaisquer elementos que possam gerar subsídio para o estudo em questão, incluindo bibliografias, cronologias, biografias de artistas, levantamentos de acervos documentais e de obras, bancos digitalizados de imagens, assim como o tratamento destes, ou seja, estudos bibliográficos, sistematização de informações, interpretação e análise dos fatos da produção artística na região.

A abrangência regional estabelece um perímetro equivalente ao próprio alcance de atuação da Universidade Federal de Uberlândia, ou seja, a cidade de Uberlândia, a região do Triângulo Mineiro, e os limites culturais fronteiriços, que se estendem para o Estado de Minas Gerais e sua capital Belo Horizonte, o Estado de São Paulo e sua capital São Paulo e o Estado de Goiás, a capital Goiânia, a antiga capital Goiás Velho, o Distrito Federal e Brasília.

Quanto ao corte temporal, o interesse da pesquisa é centrado na arte contemporânea e, portanto, admite-se um limite equivalente à segunda metade do século XX, ou seja, o período compreendido entre as décadas de 1950 e 1990, entretanto abrindo exceções para fatos relevantes anteriores, na medida em que sejam fundamentais para compreensão da contemporaneidade.

Pesquisas e planos de estudo em andamento

Atualmente, dois alunos estão sendo orientados com pesquisas que se inserem na proposta maior.

No mestrado, Juscelino Humberto Cunha Machado Junior desenvolve o projeto “A poética do vernáculo: Os painéis de Geraldo Queiroz no Triângulo Mineiro”, que trata do artista uberlandense Geraldo Rodrigues Queiroz (1916-1958), pioneiro na instalação de uma escola de arte na cidade e um dos artistas mais antigos catalogados na Casa da Cultura, que, apesar de não ter formação acadêmica, desenvolveu vários trabalhos em técnicas diversas como: aquarela, óleo sobre tela, bustos em bronze, pintura mural e painéis em mosaico de pastilhas de vidro, deixando importantes obras na cidade e também em Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro.

Na graduação, Deusiane Machado, com bolsa de iniciação científica da FAPEMIG desenvolve o plano de estudos “Compondo a trama regional: a contribuição de Darli de Oliveira para a arte em Uberlândia”, focando seu estudo na artista Darli de Oliveira, que teve sua trajetória estreitamente vinculada à Universidade Federal de Uberlândia, como estudante e como professora, desde a década de 1970.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Marco de. Em torno de um círculo: tudo é devorado como arte – o circuito em Uberlândia se fecha e anuncia seu fim. *Correio*, Uberlândia, 25 mai. 1996. Revista, p. 24.
- ANDRADE, Marco de. Ido Finotti: uma modernidade “outra” em Uberlândia. In: FINOTTI, Ido. *Ido Finotti*. Uberlândia: Galeria Ido Finotti, 1999.
- ANJOS, Moacir dos. *Local / global: arte em trânsito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- ARGAN, Giulio Carlo; FAGIOLO, Maurizio. *Guia de história da arte*. Lisboa: Estampa, 1992.
- BELTING, Hans. Arte híbrida? Um olhar por trás das cenas globais. *Arte & Ensaios*, ano IX, n. 9, Rio de Janeiro, 2002, p. 167-175.
- BELTING, Hans. Arte universal e minorias: uma nova geografia da história da arte. In: _____. *O fim da história da arte: uma revisão dez anos depois*. São Paulo: Cosac Naify, 2006, p. 95-104.
- COELHO, Carlos Guimarães. Um novo olhar sobre a arte da região. *Correio*. Uberlândia, 04 junho 1998. p Revista,15.
- CUNHA, Marcionília Alvarenga de. *Calmon Barreto: um artista de Araxá*. Monografia de Graduação. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2007.
- FIGUEIREDO, Aline. *Artes plásticas no Centro-Oeste*. Cuiabá: Edições UFMT / MACP, 1979.
- FISCHER, Jean. (org.) *Global visions: towards a new internationalization in the visual arts*. London: Kala Press, 1994.

GUASCH, Ana Maria. El multiculturalismo. In: _____. *El arte ultimo del siglo XX: del posminimalismo a lo multicultural*. Madrid: Alianza, 2000.

INSTITUTO CULTURAL ITAÚ. *Rumos Visuais 2000*. São Paulo: Instituto Cultural Itaú, 2000.

PAPASTERGIADIS, Nikos. And: an introduction into the aesthethics of deterritorialisation. *Art & Design*, vol.10, n. 7/8, july-august 1995.

PEDROSA, Mário. Perspectiva de Brasília. In: _____. *Dos murais de Portinari aos espaços de Brasília*. São Paulo: Perspectiva, 1981, p. 243-47.

RIBEIRO, P. P. A. *Arquitetura Moderna em Uberlândia*. Caderno de Arte UFU, Uberlândia, v. único, p. 169-180, 1998.

SMIERS, Joost. *Artes sob Pressão: Promovendo a diversidade cultural na era da globalização*. São Paulo: Escrituras, 2006.

SUBIRATS, Eduardo. *A Penúltima Visão do Paraíso: Ensaio sobre Memória e Globalização*. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

VIDAL, Carlos. Comentario sobre el “ multiculturalismo” de ls señores Jan Hoet, Bonito Oliva, Hubert Martin y Dan Cameron. *Lapiz* n. 111, Madrid, abril de 1995, p. 20-25.